ANO III—N.º 747

PREÇO 5 CENTAVOS

Terça feira, 3 de Maio de 1921

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhaba*-Lisboa • Telefóne 5339 C.
Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A AMÉRICA E A Sociedade das Nações

A Sociedade das Nações, cujo facto figura no tratado de Versalhes, morreu. Pela sua mensagem, o presidente Harding tirou-lhe o resto de vida que ainda tinha. Ninguém o pode pôr em dúvida. «Na Liga actual destinada a governar o mundo com os seus *poderes dominadores*, a nossa república não tomará sequer uma parte mínima».

E' claro e nítido. A expressão «com os seus poderes dominadores» é posta em foco pelas seguintes frases da mensagem presidencial: «Manifestamente, o mais alto desígnio da Sociedade das Nações foi pôsto em cheque ligando o pacto ao tratado, tornando por esta forma os vencedores da guerra em agentes da sua execução. Não se vê forma de atingir os fins fundamentais usados por uma associação dêste género enquanto esta fôr o instrumento dum tratado particular ou enquanto tiver por fim fazer triunfar objectivos especiais de qualquer nação ou dum grupo de nações?

São verdades estas que os dirigentes europeus deviam ouvir com atenção! Foram-lhes ditas pelos sindicalistas e pelos socialistas desde 1919. Teem-lhe sido repetidas em todos os tons. E fui eu um dêles, que demonstrei esta verdade perentòriamente. Mas os governantes, embrutecidos pelo exercício do poder, nem sequer procuraram refutar a demonstração. Ignoravam-na, julgando, com o seu cérebro de avestruz, que por esta forma podiam impedir a existência dos factos! E estes factos consistiam no seguinte:

A Sociedade das Nações, baseada sôbre o pacto do Tratado de Versalhes, é simplesmente uma aliança de alguns Estados para dominar e explorar os outros. Uma Santa Aliança substituiu-se ao pronúncio ideal, grande e justo de Wilson. Acabrunhado pela doença, enfraquecido, enganado como uma criança pelos diplomatas e pelos políticos europeus, deixou deformar o seu ideal, que tinha apaixonado as massas populares. E até mais: Wilson deu o seu assentimento à escamoteação, pensando, sem dúvida, como muita gente, que seria preferível ter um embrião disforme a não ter nenhum. E os capitalistas dirigentes da velha Europa felicitaram-se por terem ludibriado a cândida América e, com ela, as massas populares trabalhadoras, tam cândidas como ela.

Esqueciam estes dirigentes cheios de malícia que os acontecimentos são inelutàvelmente condicionados por uma multidão de factores, representando a sua própria vontade um dêles, bem frágil e bem impotente perante a massa dos outros factores: as aspirações das populações, as condições económicas e políticas das nações do mundo, as condições psicológicas dos dirigidos, as directivas da evolução humana há milhares de anos. Teem esquecido tudo isto, admitindo que o saibam. A mensagem do presidente Harding acaba de lho recordar ou de lho ensinar.

Mas agora que Harding, *exprimindo a vontade de todos os povos da América*, destruiu a Sociedade das Nações, necessário lhe é reconstruir um outro organismo social que assegure a paz entre as nações. E' indispensável, porque a vontade do povo americano a êste respeito não é menos nítida. Deseja que a paz reine em todo o mundo. Do milionário ao pária, todos os americanos, da Baía de Hudson ao Cabo Horn, são pacifistas, com excepção talvez de alguns bilionários metalúrgicos ou petroleiros. Em nações tam democratizadas como as americanas, o poder dêstes bilionários, por maior que seja, graças à imprensa que possuem, não pode impedir o sentimento geral, o amor da paz, de se manifestar com uma fôrça tal que é necessário dar-lhe satisfação. Portanto, depois de ter descozido é necessário toruar a cozer.

«Repetindo o pacto da Sociedade das Nações e proclamando esta rejeição perante o nosso povo e perante o mundo, não abandonamos a esperança de ver criar uma associação destinada a favorecer a paz, à qual nos juntaremos cordialmente. No referendo nacional, comprometemo-nos a consagrar todos os nossos esforços à criação duma associação dêste género e não faltaremos à nossa promessa». Por estas frases, Harding dá a entender que se vai esforçar para ser o artífice duma Sociedade das Nações que assegure a paz deixando a cada nação a sua independência, a livre disposição dos seus destinos. Vai, portanto, Harding esforçar-se por dar realidade ao ideal do seu predecessor Wilson. E não deixa de ser um espectáculo dos menos curiosos ver Harding, o republicano, o eleito pelas potências capitalistas americanas, o adversário dos democratas, dispender a sua energia na realização duma concepção dum democrata, concepção que, assegurando a paz, enfraquece o poder capitalista, baseado sempre, em maior ou menor grau, sôbre a guerra, forma de aquisição das riquezas. O' vaidade das vontades humanas, quando estas se chocam com as directivas da evolução humana, que sempre se faz no sentido de mais liberdade, mais igualdade e mais solidariedade!

Neste trabalho de reconstrução, Harding será auxiliado pelos sindicalistas e pelos socialistas de todos os países, mas encontrará no seu caminho rudes adversários, os mesmos que iludiram o seu predecessor Wilson. Estes procurarão fazer uma sociedade de compromissos, um fato mal talhado, porque sabem que desta forma a potência da sociedade será absoluta. E é o que pretendem. Imaginam fazer por esta forma uma obra esplêndida para êles, porque pouco se lhes dá que para os outros as conseqüências sejam mortes, sofrimentos e ruínas. Pobres cérebros de dirigentes sem espírito crítico, com as faculdades de raciocínio obnubiladas pelo poder! Não vêem que, perpetuando o caos e conservando a miséria humana, preparam melhor que todos os propagandistas, que todos os *meneurs* a revolução sangrenta e a sua própria ruína no meio da ruína geral! ¿Triunfará Harding das dificuldades e ciladas semeadas profusamente no seu caminho? E' difícil de prever. Tudo dependerá dêle e dos seus conselheiros terem uma idea nítida, precisa, das bases sôbre as quais deve assentar uma Sociedade das Nações para ser eficiente.

Paris, Abril de 1921.

Augusto Hamon

Biblioteca Nacional

Duas novas salas de leitura

Abriu ontem na Biblioteca Nacional, um gabinete de leitura para investigações bibliográficas.

Entram apenas nesta sala as pessoas que provarem desejar fazer investigações bibliográficas, e às quais o director concederá um bilhete intransmissível para o respectivo ingresso.

Neste gabinete podem os leitores consultar, sem requisição prévia, tôdas as enciclopédias, dicionários, bibliográfias e inventários existentes nas respectivas estantes.

Também, em harmonia com o art. 146.º do regulamento de 26 de Julho de 1919, o bibliotecário em serviço nesta sala dá aos leitores todos os informes possíveis!

1.º Sôbre as obras que na biblioteca existem de determinato assunto (não obstante ainda não estar completo o catálogo ideográfico);

2.º Sôbre a bibliotéca portuguesa em que se encontra depositada qualquer espécie, após consulta escrita.

A nova sala de leitura reúne o maior número de comodidades possíveis para o leitor, e entre elas a de poder alugar por períodos mensais a gaveta da mesa onde trabalha, para guardar os seus apontamentos.

Também no próximo dia 8 abrirá uma outra sala apenas destinada à leitura de revistas que será inaugurada com uma conferência do dr. sr. Faria de Vasconcelos, que foi encarregado da respectiva organização.

CONFERÊNCIAS

Na Universidade Livre

Realizou anteontem a segunda conferência do curso «O problema da miséria através da história», o dr. sr. Agostinho Fortes, versando o tema sôbre a Grécia em que geralmente se vê só um país de artistas pensadores e que foi também teatro de lutas económicas, cujo reflexo se encontra na sua legislação.

Em Esparta e Atenas as condições diferentes da população fizeram estalar muitos conflitos. Daí a chamada legislação licurgiana estabelecer medidas rigorosas contra o luxo e a acumulação da moeda. Entrou na descrição pormenorizada das constituições espartana e ateniense, fazendo sobresair especialmente o carácter económico desta última, em que as classes eram constituídas não por privilégios de nascimento mas pela fortuna pessoal. O desenvolvimento das riquezas teve como conseqüência fatal a expansão do luxo e a dissolução dos costumes. Começam então a manifestar-se aspirações de sociedades ideais em que os males do presente desaparecessem e a felicidade se atingisse. Os poetas como Horácio e Hesíodo já haviam falado numa idade feliz da terra, a celebrada idade do ouro, em que o homem se alimentava sem esfôrço nem cansaço. Foi sem dúvida actuado por essas ideas e ainda pelo economismo do luxo já prègado por Hipodamos de Mileto que Platão gisou as suas primeiras linhas de estudos ideais na República, nas leis, no Estado e no Cristias. Avaliando êsse estudo ideal que serviu de ponto de partida para tôdas as utopias sociais, diz que para Platão as sociedades deviam ser constituídas por sábios ou filósofos, guerreiros e lavradores, e ter como base a justiça e o bem. Estabelecia a comunidade dos bens e muito expressamente a das mulheres. Mercê do adiantado da hora, a parte referente a Roma será tratada na próxima conferência.

O conferente foi largamente aplaudido pela assistência, que enchia por completo as salas desta prestimosa colectividade.

Sociedade de Estudos Pedagógicos

A convite desta sociedade, continua, na próxima quarta-feira, 4, o dr. Faria Vasconcelos a sua série de conferências sôbre filósofos contemporâneos.

A próxima conferência trata de W. James e intitula-se *Melhorismo* e *Moralismo* e realiza-se na Faculdade de Sciências, pelas 21 horas.

Mulheres do Uuruguay

No próximo dia 5, pelas 21 horas, e numa das melhores salas de Lisboa, realizará a dr.ª Paulina Luisi, a sua 2.ª conferência, a convite do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, versando sôbre *Mulheres do Uruguay*.

Na Faculdade de Medicina

Na Faculdade de Medicina de Lisboa realiza àmanhã o dr. sr. Carlos Santos (filho), pelas 21 horas, uma conferên ia sôbre o *Estado actual da Radiologia* (Notas de viagem Hamburgo-Berlim-Erlangem-Munich-Viena-Paris-Dezembro, 920—Janeiro. 921.)

Esta conferência será acompanhada de projecções luminosas, e a entrada é pública.

AS GREVES

Em Guimarães

O nosso correspondente de Guimarães envia-nos o seguinte telegrama, prometendo-nos notícia circunstanciada:

GUIMARÃES, 2. — O pessoal da fábrica de tecidos declarou-se em greve, tendo realizado uma reünião magna.

RECLAMAÇÕES CORPORATIVAS

Pessoal da Carris

Com a sala e escadaria repleta de pessoal, reüniram no sábado, em sessão magna, os empregados da Carris, para apreciar os trabalhos da comissão pró-aumento de salário. Antes da ordem foram tratados diversos assuntos, entre êles um ofício da Federação Metalúrgica que se refere ao último congresso, ficando para apreciar na próxima reünião, depois do delegado apresentar o seu relatório. Foi também resolvido na próxima reünião resolver a forma de auxiliar os camaradas trabalhadores dos jornais em greve em face do apêlo feito pela U. S. O. Em seguida Armando Martins, delegado da comissão, expõe as *démarches* feitas junto da Companhia e do presidente do ministério, *démarches* estas que até hoje ainda resultado nenhum deram, visto que a primeira se limita a mostrar boa vontade em atender as reclamações, e o segundo prometeu à comissão empregar todos os esforços para evitar uma paralização de serviço e que as reclamações do pessoal sejam atendidos. A classe mostra-se disposta a não servir de joguete seja de quem fôr, mas disposta apenas a fazer vingar as suas reclamações. Falam ainda alguns camaradas que aconselham a classe a manter-se unida e enérgica até a vitória final.

A BATALHA Vende-se em **Oeiras** na casa do Sr. Joaquim Pimentel.

AS MANIFESTAÇÕES DO 1.º DE MAIO

Em todo o país se manifestou o operariado

Em Lisboa e no Pôrto são agredidos os manifestantes pelas hordas policiescas

Realizaram-se no domingo em todo o país as manifestações comemorativas do 1.º de Maio, que estiveram muito concorridas, como se verifica das notas que abaixo publicamos, radicando-se assim no espírito dos trabalhadores a sua ânsia de emancipação.

Há ainda a notar êste ano que, tanto em Lisboa como na província, desapareceu quási por completo o carácter festivo que por muito tempo se deu a esta manifestação, demonstrando-se assim que o operariado se vai integrando na ideologia revolucionária.

O comício de Lisboa

Como dissemos, a União dos Sindicatos Operários de Lisboa convocou para anteontem, pelas 15 horas, um comício, comemorando a data do 1.º de Maio.

A multidão começou pouco a pouco a afluir, notando-se grande entusiasmo. O dia estava quente e o sol violento.

Pelas dezasseis horas, Carlos Araújo secretário geral da U. S. O., dá comêço ao comício, lendo o expediente. Fizeram-se representar: Federação do Livro e do Jornal, Federação Nacional da Construção Civil, Federação da Indústria do Mobiliário, Federação Corticeira Nacional, Federação dos Empregados no Comércio, Federação da Indústria Metalúrgica, Federação das Juventudes Sindicalistas, Federação da Indústria do Calçado, Couros e Peles, Associação dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, Cozinheiros e Criados de Navegação Estrangeira, Pessoal da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Pessoal da Carris, Empregados de Escritório, Indústria de Carruagens, Manufactores de Tecidos, Operários Alfaiates, Correios e Telégrafos, Construção Civil do Beato, Corticeiros do Poço do Bispo, Pessoal da Borracha, Metalúrgicos do Poço do Bispo e Operários Tanoeiros.

Após a leitura das credenciais, Carlos Araújo diz que a U. S. O., organizando aquele comício, tinha por fim não só protestar contra tôdas as tiranias como mostrar ao proletariado internacional que os operários portugueses estavam ao seu lado. Lembra, naquele momento, os mártires da liberdade, caídos em todo o mundo, não esquecendo os portugueses. Referindo-se aos manejos da reacção, sem distinção de seitas, diz que ela se organiza para atacar o proletariado.

«A burguesia portuguesa pensa fazer em Portugal o mesmo que em Espanha se faz contra os sindicalistas. A Confederação patronal pensou em armar-se secretamente, em organizar arsenais para dar caça aos trabalhadores. Felizmente também o operariado se vai organizando.»

Nesta ocasião o orador é interrompido por um pequeno tumulto, parece que provocado por um indivíduo da Segurança do Estado, porquanto no meio da confusão ouvia-se gritar:—E' do *tacho*! E' do *tacho*.

Entretanto, os ânimos serenavam, enquanto o tal indivíduo se afastava, correndo, do local do comício.

O orador retomou a palavra, referindo-se ao decreto da amnistia, que atacou violentamente, mostrando o contraste que existe entre os presos monárquicos e os presos por questões sociais. Enquanto os primeiros foram postos em liberdade, os outros, que tanta vez teem exposto o peito às balas em defesa da república, continuam enclausurados.

Ouvem-se apoiados, a multidão manifesta-se ruidosamente.

Refere-se depois o orador aos acontecimentos do Pôrto, dizendo não compreender que, por causa de delitos ali praticados, se prendam trabalhadores em Lisboa, a tresentos e tantos quilómetros de distância. Por êstes factos se vê que o operariado tem apenas um inimigo—o capital. Monárquica ou rèpublicana, a burguesia é só uma, disposta a atacar o proletariado. Os campos estão extremados. E' necessário que o proletariado também se agrupe nos seus sindicatos, formando a outra barreira pronta para o combate. Dum lado, termina êle, o operariado unido; do outro os seus inimigos.

O público manifesta-se com vivo entusiasmo, ouvindo-se vários vivas e aclamações.

Em seguida é dada a palavra a Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral da C. G. T.

Rebentam de novo os aplausos delirantes. Há vivas à C. G. T., à *Batalha* e aos operários de todo o mundo.

Principia Manuel Joaquim de Sousa por dizer que desejava que tôda a classe operária se juntasse sempre, como naquele momento. Estava ali bastante gente, muita gente, em ora não fôsse o número que êle queria. Não compreende — diz o orador — que neste momento, depois de tanta infâmia se ter praticado, ao cabo de tanta tropelia, no momento em que uma civilização termina para dar comêço a outra, a classe operária se mostre indiferente até pelos seus próprios interêsses. Não basta escaipelizar os erros da burguesia; é preciso proceder do mesmo modo para com o proletariado, quando êste não sabe defender os seus interêsses. Atribui essa indiferença à acção deletéria da imprensa burguesa. Essa imprensa, diz, está exercendo a mesma missão que exercia o padre no seio da família.

Ouvem-se neste momento entusiásticos vivas à *Batalha*.

Faz em seguida considerações sôbre a legalização das 8 horas de trabalho, referindo-se à forma torpe como essa regalia tem sido calcada.

—As liberdades—exclama—que eram esmagadas no tempo da monarquia, são hoje esmagadas pela república! Com a república o povo apenas ganhou em experiência. Há duas cousas, bases da sociedade presente, que o operariado tem de atacar: a propriedade privada e o Estado que, pela fôrça, garante êsse privilégio. Para abater o inimigo é necessário que todos os operários se unam, não confiando êsse trabalho a meia dúzia. Esse trabalho tem de ser colectivo. E' preciso que o proletariado confie nêle próprio e só assim se conseguirá fazer a revolução emancipadora.

Repetem-se os aplausos e os vivas.

E' dada a palavra a João Pereira, delegado da Federação do Livro e do Jornal, que começa por dizer que pertence a um punhado de camaradas que há 105 dias se encontram em luta. Mostra quão grande é o sacrifício do trabalhador do jornal ao alugar o cérebro e o braço para defender os interêsses mesquinhos das empresas jornalísticas. Sôbre o papel de traição que o militarismo representa, faz largas considerações, achando extraordinário que nessa corporação se encontrem tantos homens habilitados a substituir os trabalhadores em greve.

Um popular interrompe:

—Há uma classe, cuja greve os militares não são capazes de furar: os trabalhadores rurais! Eles não querem cavar!

O comício manifesta-se ruidosamente com vivas e aclamações.

João Pereira continua. Parece-lhe impossível que tendo o Estado nessa corporação homens tam habilitados, e havendo falta de produção, os não aproveite para trabalhar, em vez de os manter, sem fazer nada, na guarda-republicana.

O orador refere-se ainda ironicamente a uma corporação formada por meninos das escolas, com o fim de *furar* tôdas as greves. «Se um dia as criadas de servir, as mulheres casadas ou amancebadas fizessem greve, lá estariam esses meninos bonitos prontos a oferecer os corpos finos para substituí-las...»

Estabelece-se grande hilariedade na grande assemblea e João Pereira termina atacando o indiferentismo do operariado pela sua imprensa, preferindo às sãs doutrinas as histórias do Barrabás.

E' dada depois a palavra a Santos Arranha, da Federação da Indústria do Mobiliário, que profere um violento discurso sôbre a obra da república, dizendo que nunca a triologia Liberdade, Igualdade e Fraternidade foi tam atraiçoada como agora. Ataca o desrespeito da república pelas liberdade exaradas na Constituïção. E termina dizendo que após tantas infâmias, o operariado é tam sentimentalista que, em vez de exterminar os políticos e burgueses que o teem enganado, deseja apenas que eles aprendam a trabalhar, a cavar para serem úteis à sociedade.

Foi calorosamente aplaudido.

Segue-se-lhe João Miranda, da Federação da Construção Civil, que profere um breve discurso, sôbre os mártires de Chicago e a lei das 8 horas.

Raúl Batista, da U. S. O., borda longas considerações sôbr as 8 horas de trabalho. O dia das 8 horas tem sido esmagado pelos próprios operários.

Refere-se à liberdade de imprensa, que tem sido uma burla. Faz várias referências ao assalto à *Batalha* e à prisão de jornalistas.

O povo manifestou-se ruidosamente.

Trata com calor das questões de S. Tomé, dizendo que não conhece distinção de raças; conhece trabalhadores. Ataca o indiferentismo do ministro das colónias perante esses importantes acontecimentos, e perante as infâmias que naquela ilha se pr ticaram.

Foi muito ovacionado ao terminar, repetindo-se os vivas à C. G. T., *Batalha*, etc.

Belo Redondo, em nome dos trabalhadores dos jornais em greve, profere um breve e entusiástico discurso, lamentando que haja governos que cedam às empresas tipógrafos militares. Em nome dos grevistas, saúda o operariado de todo o mundo.

José Esteves, da Federação da Juventudes Sindicalistas, saúda o operariado de Lisboa. Chama a atenção dos trabalhadores para êste facto estranho da república, por eles implantada, ter a ferros os próprios trabalhadores.

E' dada depois a palavra a Fausto Gonçalves, da Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio, cujo discurso foi interrompido pela chegada de Vítor Martins e Alberto Dias, que acabavam de sair da prisão.

Foi dada imediatamente a palavra a Vítor Martins, que foi vivamente ovacionado. O orador lamenta não poder alongar-se em considerações, devido ao abalo moral e físico que a prisão lhe causou; no entanto, vem ali afirmar que a despeito de tôdas as perseguições, estará sempre ao lado da classe operária.

Alberto Dias profere também um belo discurso mais ou menos no mesmo sentido.

Fausto Gonçalves, retomando a palavra, saúda os camaradas que acabam de ser postos em liberdade. Lembra ao operariado o dever de, após o comício, ir passar em manifestação em frente das redacções da *Batalha* e da *Imprensa de Lisboa*.

Segue-se Zacarias Pinho, da Federação Metalúrgica, que se insurge contra os movimentos pacíficos, citando, como exemplo, o dos trabalhadores de imprensa.

Henrique Fernandes, do Sindicato Ferroviário, lamenta que os trabalhadores intelectuais não se tivessem feito representar. Deseja que o próximo 1.º de Maio seja celebrado dentro da Revolução proletária.

Manuel Marques Pimenta, dos Correios e Telégrafos, diz que se sentiria satisfeito se visse o povo encher aquele vasto campo completamente e se no próximo dia 1.º de Maio o operariado ali se reünisse para fazer a sua Revolução.

Ao terminar, o povo manifesta-se dando estrondosos vivas à C. G. T., à *Batalha*, *Imprensa de Lisboa* e Revolução Social.

Jerónimo de Sousa, da Federação de Calçado, Couros e Peles, ataca o militarismo, afirmando que o operário se torna preguiçoso dentro da caserna. E' pena que os operários fardados não assistam ao comício. Referindo-se à amnistia, afirma que ela serviu apenas para pôr na rua os aliados da burguesia republicana.

A moção é aprovada com entusiasmo

Carlos Araújo lê a moção da União dos Sindicatos Operários, que é do teor seguinte:

Considerando que na luta contra a reacção burguesa e capitalista, luta gigantesca e tendente a pôr fim a tôdas as injustiças e desigualdades sociais que a mesma reacção, apoiada nas instituições militaristas, se esforça por manter, a fim de poder tripudiar sôbre as massas trabalhadoras de todo o mundo, teem baqueado para sempre alguns dos mais audazes combatentes dos modernos ideais de emancipação;

Considerando que a sociedade burguesa, prestes a desmoronar-se, lança mão de tôdas as armas, ainda as mais intimes e tirânicas, desenvolvendo por isso mesmo uma atmosfera de terror, que é o mais sólido argumento para que o proletariado se unifique e desenvolva a sua acção no sentido verdadeiramente revolucionário, de forma a enfrentar e aniquilar os ataques que ainda lhe possam ser dirigidos por parte da burguesia, preparando-se nasim para o lançamento do acto insurreccional na região portuguesa, em conseqüência do qual os destinos da mesma região ficarão na posse dos trabalhadores;

Considerando que a simples observância dos factos que se estão desenvolvendo diariamente em tôda a Europa e muito particularmente em Espanha é a maior justificação de que a revolução libertadora da humanidade que sofre e trabalha não se fará esperar, sendo tambem para isso um incentivo a revolução russa, a qual, não tendo atingindo ainda o seu verdadeiro desenvolvimento, mercê da nat ral perseguição, é contudo o início da transformação completa e radical da actual sociedade capitalista numa sociedade justa e igualitária;

Considerando que em Portugal, devido certamente a pactos firmados internacionalmente entre a burguesia, se está desenvolvendo uma perseguição feroz aos elementos mais activos da organização operária, perseguição essa que se estende até à proibição violenta, por parte das autoridades desta *democrática* república, das simples reüniões de associações legalmente constituídas, assim como à vergonhosa censura aos jornais operários que apenas vivem do esfôrço dos trabalhadores;

Considerando que devido à luta titânica da classe trabalhadora, que durante muitos anos lutou, sacrificando o melhor dos seus elementos para que a jornada de trabalho fôsse de oito horas máximas e que teve por conseqüência, por parte do govêrno da república portuguesa, o regime das oito horas; mas,

considerando, também, que por parte do patronato, particularmente auxiliado pelo estado, se desenvolve uma verdadeira ofensiva contra esta conquista, no sentido de a aniquilar por completo, tornando assim mais ingrata a missão dos trabalhadores; só para que a sociedade capitalista continue tripudiando à larga e a desenvolver em maior número a prostituição, o crime e a servidão, num verdadeiro regime de crápula e infâmia, perfeitamente incompatíveis com o progresso e a civilização;

Considerando que ao operariado compete defender, por todos os meios, aqueles camaradas que lutando pela causa da libertação do proletariado, ainda se encontram enclausurados em imundas masmorras e que propositadamente foram excluídos do último decreto da amnistia, amnistia esta que só tinha por fim libertar os mais cotados elementos da reacção, que tentou, de armas na mão, restabelecer a odiada monarquia em Monsanto, não o tendo conseguido devido ao esfôrço e sacrifício dos trabalhadores;

Considerando que a manutenção dos tipógrafos militares, cedidos pelo govêrno, para serviço das empresas jornalísticas, constitui, além de parcialidade manifesta para com as ditas empresas, o motivo do protelamento, da greve dos trabalhadores dos jornais e revela também o desejo de vencer operários que tam brilhantemente se manteem em luta há mais de cem dias;

O povo de Lisboa, reünido em comício público, a convite da U. S. O., resolve reclamar do govêrno:

1.º A revogação dos tribunais e leis de excepção;

2.º A libertação completa de todos os presos por delitos emergentes da questão económica e social;

3.º A liberdade completa de associação, de reünião e de expressão de pensamento;

4.º O cumprimento integral do decreto 5516 (horário de trabalho) e também dos decretos de autoria do actual presidente do ministério que regulam o trabalho das mulheres e menores nas fábricas e oficinas;

5.º Retirada imediata dos tipógrafos militares que ainda se encontram ao serviço das empresas jornalísticas.

Resolve ainda o comício:

1.º Saüdar as vítimas da tirania burguesa de todo o mundo;

2.º Saüdar na Revolução Russa os percursores da Revolução Social, afirmando assim a fé inabalável no triunfo da mesma Revolução.

Após a leitura, alvitra um protesto contra as barbaridades cometidas pelos comerciantes e governador de S. Tomé. A moção é aprovada por aclamação. Depois de um breve discurso feito pelo presidente, é encerrado o comício, dirigindo-se a multidão, na máxima ordem, em direcção à Avenida da Liberdade, a fim de, em manifestação, atravessar a Baixa até às oficinas da *Batalha*. Pelo percurso ouvem-se vivas à *Batalha*, à C. G. T., e vozes entoam a *Internacional*.

A manifestação dissolvida violentamente pela polícia e guarda republicana

Ao cimo da avenida da Liberdade, o povo que se encontrava no comício juntou-se, formando uma grande manifestação, cujos intuitos, como noutro lugar dizemos, eram vir saüdar *A Batalha* e *A Imprensa de Lisboa*.

A manifestação vinha descendo a avenida, quando, na altura da rua do Salitre, um esquadrão de cavalaria da guarda republicana, vindo em sentido inverso, tentou dispersar a multidão. Não conseguiu, porém, os seus intentos, porquanto a multidão, abrindo alas, deixou passar para o lado de cima todo o esquadrão.

Pouco depois o operariado tornou a reünir-se, descendo de novo a avenida, sendo seguido pelo mesmo esquadrão.

Quási a seguir, da rua das Pretas surgiram mais três esquadrões, que ali se encontravam de prevenção, aparecendo ao mesmo tempo grande número de polícias, ficando assim os manifestantes cercados pelas fôrças que surgiram da frente e pelo esquadrão que os seguia.

A polícia, então, guardada pela cavalaria, cometeu vários actos bárbaros, espadeirando a torto e a direito, sem respeito por velhos e senhoras que pelos bancos se encontravam.

Um pobre velhote que repousava num banco foi obrigado a levantar-se e, apenas pelo motivo de olhar para traz, foi bárbaramente agredido por vários polícias.

Um dos guardas que mais se distinguiu na violência com que agredia quem passava foi o n.º 832, da 11.ª esquadra. Para êle pedimos uma medalha, como prémio da sua heroicidade...

O guarda n.º 1581 andava a espalhar boatos falsos. Dizia que no comício tinha rebentado um petardo. Quem lhe pagaria o frete?

E' assim a liberdade que se concede ao povo, que é mandado acutilar em plena rua.

Um indivíduo da Segurança do Estado, apesar de invocar a sua identidade, apanhou várias cutiladas. Fôram as únicas cutiladas justas que se deram naquele dia.

Um operário que trazia uma bandeira vermelha foi sovado, tendo-lhe sido apreendida a bandeira. Parece que o vermelho causa nas autoridades a mesma impressão que nos touros.

Informam-nos que o guarda-cívico conhecido pelo nome de Júlio, o *Russo*, foi quem praticou a grande proeza de apreender a bandeira vermelha que o referido operário trazia. E não contente com isto, o *Russo* ainda ficou com um chapeu e um boné. O *Russo* foi, por êsse motivo, saüdado pelos seus camaradas...

Sindicato Ferroviário da C. P.

Na sede dêste Sindicato efectuou-se uma sessão de propaganda onde falaram vários oradores, entre os quais dois delegados da U. S. O., que dissertaram sôbre a origem do 1.º de Maio, estigmatizando a atitude da classe burguesa e capitalista contra a classe operária.

Foi lida uma exposição dum bom elemento e belo camarada, dirigida aos delegados da U. S. O. e ao dr. Sobral de Campos, preconisando uma aproximação rápida da C. G. T. com a actual direcção do Sindicato, para o levantamento moral da classe da C. P. Esta exposição, por especial deferência dos delegados da U. S. O., ficou arquivada no Sindicato, responsabilizando-se, porém, os citados camaradas, de transmitirem ao organismo que representavam o conteúdo da mesma, ao que a assemblea se manifestou favorávelmente.

Foram aprovadas as seguintes moções:

de conformidade com a circular n.º 12 da C. G. T.:

pelo cumprimento do horário das 8 horas de trabalho, da qual vai ser enviada cópia ao conselho de administração da Companhia;

para que seja efectuada uma reünião magna num teatro de Lisboa, para reconciliação e união de todo o pessoal da C. P.

A assembleia verberou o procedimento do govêrno no conflito entre as empresas jornalísticas e o seu pessoal, resolvendo dirigir ao presidente do ministério o seguinte telegrama:

Os ferroviários da C. P., reünidos no dia 1.º de Maio na sede do Sindicato, protestam contra a permanência de tipógrafos militares nas oficinas das empresas jornalísticas, reclamando a solução do conflito com justiça pró-revistas.—*Neves*.

No final foi aberta uma quete a favor dêstes camaradas.

Não foi possível ao dr. sr. Sobral de Campos realizar a conferência por motivo de caso de fôrça maior o inhibir disso.

Rurais de Lisboa

Para comemorar o 1.º de Maio e inauguração da nova bandeira sindical, realizou-se no domingo uma sessão solene, que esteve regularmente concorrida, falando, entre outros oradores, delegados da U. S. O.

No final foi tirada uma quete a favor dos trabalhadores de jornais em greve, que rendeu 8$00.

Ferroviários do Sul e Sueste

No dia 29 p. p. reüniram em assemblea geral os ferroviários do Sul e Sueste, tendo resolvido, entre outros assuntos, o seguinte:

Nomear uma comissão para tratar da situação dos demitidos, comissão que ficou composta dos ferroviários Maximiano Malacriz, João Cebola, Amadeu Magalhães e Menezes, Ludgero Cigarrito e Júlio Veríssimo.

A assemblea aprovou uma moção sôbre a situação económica do pessoal para que seja elaborada uma nota de reclamação, a qual será presente ao govêrno por delegados da Comissão Administrativa e da Comissão de Melhoramentos oficial.

As reclamações do comício de 1 de Maio

Uma comissão delegada da União dos Sindicatos Operários procurou ontem o presidente do ministério para lhe apresentar as conclusões das reclamações aprovadas no comício público de domingo.

Avistou-se com o seu chefe de gabinete, a quem expôs o desejo da imediata saída dos tipógrafos militares das empresas jornalísticas, uma das principais reclamações aprovadas, ficando aquela entidade de dar uma resposta hoje à comissão, que para êsse efeito ali deve voltar às 14 horas.

COLISEU DOS RECREIOS

A's 21 horas: Espectáculo de gala

A maravilhosa e extraordinária companhia de

GREAT CARMO

O 1.º DE MAIO

Nos arredores e na provincia

NO PORTO

As provocações das autoridades —O comício terminou aos tiros, disparados pela polícia

PORTO, 1.—C.—As manifestações do 1.º de Maio decorreram com relativo entusiasmo e serenidade, havendo, porém, a registar no comício a atitude canibalesca da polícia, que a todo o transe procurou ofuscar a comemoração dos trabalhadores.

O comício promovido pela organização operária e realizado na Alameda das Fontainhas, terminou aos tiros, que foram disparados pelos chefes da polícia presentes e pelos da segurança do Estado. Esta já de véspera mostrava disposições de desmanchar a manifestação, e assim, de acôrdo com a deliberação por ela tomada, aproveitou-se da ocasião de uma mulher falar e na altura em que atacava os policiotes, tendo esta frase: *a polícia da segurança do tacho*...

Não agradou também à mesma famigerada polícia o facto da oradora se referir ao dinheiro que o industrialismo tem nos cofres, considerando-o dos trabalhadores.

Primeiramente, a polícia da S. E. procurou estabelecer a confusão. Serenados os ânimos, tudo parecia seguir sossegadamente, quando a P. S. E. prendeu a mulher aludida. Houve protestos e daí começou o tiroteio de pistola daquela polícia e de dois chefes, creio que de nomes Teófilo e Correa, conhecidos como déspotas.

Estava satisfeita a vontade da P. S. E., porque conseguiu desfazer o comício, havendo feridos e prisões. Um dos chefe, ao que consta, também ficou ferido.

Eram tam canibais os policiotes, que até o inspector deu um berro e uma pingalada, mandando meter na forma uns polícias que queriam malhar desabridamente.

Falarei mais circunstanciadamente.

EM SETUBAL

Na sede da Associação dos Trabalhadores do Mar realizou-se anteontem uma sessão de propaganda, tendo usado da palavra os camaradas Júlio Luís e Miguel Correia, delegados da C. G. T., e os camaradas Travelho, Costa, António Henriques e outros.

Pelos representantes da C. G. T. foi estigmatizada a atitude de indiferença do proletariado de Setúbal, que de há há tempos se vem envolvendo em questões de carácter individual, provocando uma injustificada luta entre as próprias classes operárias, luta que tem sobremaneira enfraquecido a organização sindicalista local, impedindo-a de corresponder aos seus deveres para com a organização geral. Também foi tratada a situação dos presos por questões sociais, preconizando-se a necessidade de se intensificar no seio dos organismos operários a orientação revolucionária.

EM VILA FRANCA DE XIRA

Comemorando a passagem do 8.º aniversário da Associação da Construção Civil e profissões correlativas daquela vila e o primeiro de Maio, realizou-se uma sessão solene, pelas 17 horas, na respectiva sede, tendo usado da palavra Júlio Filipe, que presidiu; Manuel Campino, da Associação dos Trabalhadores Rurais; Manuel da Costa, da Cooperativa Operária Vilafranquense, e Alfredo Pinto, delegado da C. G. T. A corporação dos Bombeiros Voluntários estava representada pelo comandante e seis bombeiros, tendo abrilhantado a sessão solene uma tuna composta por sócios daquele sindicato, sob a regência de Vital Sabino.

Terminada a sessão, organizou-se um cortejo que percorreu diversas ruas e que se dirigiu ao cemitério, onde foram depostas flôres nas campas dos camaradas falecidos.

A favor dos presos por questões sociais, no final da sessão, foi aberta uma quete, que rendeu 12$05.

No Barreiro

BARREIRO, 2—C.—A's 16 o camarada Antonio José Piloto abriu o comício, nomeando para presidir o camarada Gregório Matoso.

Falou em primeiro lugar o delegado da C. G. T., que principia por lamentar que o administrador não dê ampla liberdade de pensamento, como a lei faculta, insurgindo-se contra a forma como é constituído o tribunal de defesa social. Aprecia o último movimento dos ferroviários, fazendo considerações justas para com aquela classe.

Falam a seguir os representantes da F. J. S. que descrevem qual o significado da data do 1.º de Maio, fazendo ainda outras considerações interessantes.

Segue-se o representante da F. C. C., que censura àsperamente a forma como a classe burguesa explora os trabalhadores. Condena o proceder de certos grupos que às ordens dos governantes lançam bombas para por esta forma poderem perseguir os militantes das classes trabalhadoras.

Falaram ainda: o enviado das Juventudes Socialistas de Lisboa, que descreve o significado do dia 1.º de Maio; um represe tante do Núcleo da Juventude Sindicalista do Barreiro explicando qual o fim das juventudes, por último, o camarada Piloto, que descreveu qual a conduta da classe burguesa, pondo a nú a preponderância que tem sôbre os governantes certos tartufos como Alfredo da Silva e outros. Aconselha os presentes a concorrer para a quete pró-presos.

Foram aprovadas duas moções de carácter revolucionário.

Em Evora

EVORA, 2—T.—A sessão realizada no teatro Garcia de Rezende esteve concorridíssima, sendo todos os oradores muito ovacionados. As moções de carácter geral e local foram aprovadas por unanimidade, assim como saudações à C. G. T., *Batalha* presos por questões sociais, trabalhadores de jornais em greve e ferroviários libertados.—*U. S. O.*

Em Viana-do-Castelo

VIANA-DO-CASTELO, 1.—P.—A's quatro artes da construção civil se deve a manifestação de hoje, se bem que, ao convite por estas feito, as outras classes louvavelmente correspondessem. Ao público foi distribuído um manifesto com o programa da comemoração a fazer, que constava de um comício público, no qual tomariam parte dois oradores do Pôrto e outros desta cidade, seguido de uma sessão solene na sala da Casa do Povo.

Os camaradas do Pôrto não vieram, em virtude do convite ter sido feito tarde e já terem todos encargos.

A' última hora, nós, que tomaramos a responsabilidade, perante a autoridade, da realização do comício, fomos convidados a, na companhia do camarada Pinheiro, da construção civil, ir à presença do comissário de polícia, que nos disse estar o comício proibido, que o não queria na avenida Camões, etc.

Apesar disso, às 9 horas, da sede das Associações Operárias saiu um cortejo com destino à Casa do Povo, onde devia realizar-se a sessão solene, dando, porém, a volta pela avenida Camões, visto constar que ali se encontrava muita gente por ignorar a proibição do comício. Encorporaram-se no cortejo as associações dos Canteiros e Pedreiros, Carpinteiros, Costureiras, Alfaiates, Empregados no Comércio, Manufactores de Calçado, Pintores, com as respectivas bandeiras e muito povo.

Ao chegar à Casa do Povo, como a sala fôsse pequena para conter todos, dirigiu-se para o Campo da Agonia, onde o camarada António Vidal apresentou à multidão, sob um sol abrazador, a moção a que se referia a circular n.º 12 da C. G. T.

Foi também apresentada uma moção reclamando: a construção de casas para habitação na rua Cândido dos Reis, em vez dos muros que ali existem; a reabertura do Centro Comunista, protestando também contra o esbanjamento de dinheiro nas obras do pôrto com encarregados e morosidade nas mesmas; contra as perseguições em Espanha; contra as facilidades que o govêrno tem dado às empresas jornalísticas para protelar o movimento dos trabalhadores dos jornais; contra o imposto *ad valorem* e contra a proibição do comício. Estas moções foram aprovadas por unanimidade.

A seguir a esta reünião dirigiu-se o cortejo para a sede das Associações Operárias, onde o povo debandou.

Bom será que de futuro os camaradas conscientes auxiliem estas manifestações com a sua palavra.

N. R.—Como no sábado tivéssemos recebido um telegrama de Viana-do-Castelo comunicando-nos que havia sido proibido o comício, apesar das formalidades legais, uma comissão entendeu-se com o chefe do govêrno, o qual garantiu que seria permitida ali a sua realização. Como se vê, porém, a ordem não chegou lá...

SOBRE UMA TOURADA

Pede-nos o nosso camarada e amigo Miguel Correa a publicação da seguinte carta:

A propósito duma local publicada em *A Batalha* do dia 30 do p. p. sôbre a banda da Sociedade dos Franceses, da qual fazem parte alguns ferroviários, por motivo desta banda ter ido a Setúbal tocar na corrida de touros que ali se realizou no dia 1.º de Maio, tomos procurados por alguns sócios daquela colectividade que nos elucidaram sôbre as razões que levaram ali a referida banda.

Como essas razões são realmente atendíveis, pois que muitos dos indivíduos que fazem parte daquela colectividade são camaradas dedicados, incapazes de atentarem contra os princípios da organização, à qual teem até prestado serviços, avistamo-nos com a direcção da referida sociedade, que nos declarou não ter havido o propósito de perturbar as manifestações do 1.º de Maio, mas ter-se dado apenas um facto imprevisto, resultante dum compromisso de há muito tomado, o qual era o de ter a referida direcção realizado um contrato com a empresa da praça de touros de Setúbal, há muito tempo, para a banda ir tocar na primeira corrida da época, não tendo sido nessa ocasião marcada a data. Inesperadamente, a corrida foi marcada para o dia 1.º de Maio e a banda ficou obrigada a satisfazer o contrato.

Esta declaração, que julgamos aceitável, resolve a questão suscitada pela já referida local, inspirada por uma informação da minha autoria e pelas palavras que a propósito dêste caso proferi na assembleia geral dos ferroviários do dia 29 do p. p.

Como não houve da nossa parte o intuito reservado de ferir alguém e muito menos o de desconsiderar os camaradas que, sendo sócios da sociedade do Franceses, teem sabido cumprir o seu dever, julgamos a questão liquidada, pois que simplesmente tivemos em vista estigmatizar um acto que consideramos pouco consciente, por desconhecermos as causas que o motivaram.—*Miguel Correa.*

Proezas de senhorios

O capitalista José Bernardo Alves, proprietário da Ourivesaria da Gutia, comprou em Janeiro o prédio da Rua Rebelo da Silva, n.º 77, nomeando seu procurador um cidadão de nome Maximino Augusto Pimentel. Aquele capitalista quando comprou o prédio sabia muito bem qual era o seu rendimento, mas três dias depois de efectuada a compra o procurador dirigiu-se aos inquilinos dizendo-lhes que se quizessem continuar na casa teriam que pagar mais 300 o|o! Como a maior parte dos inquilinos são senhores, que não teem meios suficientes para aguentar semelhante extarsão, disseram que não podiam pagar e foram entender-se com o senhorio. Este, muito *bondoso* e *meigo*, disse nada poder fazer, porquanto dera plenos poderes ao seu *digno* procurador e êle é que resolveria o assunto. Falaram novamente com o procurador e êste empurrava-os por sua vez para o senhorio. Como se vê, estas duas criaturas entendem-se à maravilha para explorar os pobres inquilinos.

O senhorio, que passa por boa pessoa, é um ganancioso e para não se incomodar delega num procurador que se presta a desempenhar um papel indigno, afirmando que o rendimento que lhe dá o prédio é para ir para as águas.

No prédio, além doutros inquilinos, vivem: um sapateiro com 6 filhos; uma senhora com o rendimento de 50$00 do marido, que está entrevado há dois anos; esta senhora tem 72 anos e ainda trabalha para fora, se quer viver; outra senhora, viuva, com o rendimento de 25$00, que com o aumento do aluguer pagará só de renda 24$00, e que trabalha também para fora; etc.

E passam por criaturas honradas, estes senhorios insaciáveis de dinheiro. ¿Quando acabará semelhante praga?

"Primeira Comuna,,

Em favor do fundo de instalação da «Primeira Comuna» realiza-se no dia 21 do corrente mês de Maio um espectaculo na sede do Grupo Recreativo Os Regulares, rua Possidónio da Silva.

Na assemblea geral de 20 de Abril foram nomeados os corpos gerentes para o ano corrente, que ficaram assim constituídos:

Assemblea geral, presidente, Gil Gonçalves; secretários, Fernando José Henrique de Lima e António Marques; Comissão administrativa, secretário geral, Fernando Barbosa de Vasconcelos; secretário administrativo, António Duarte; tesoureiro, Anibal dos Santos; vogais António Angelo de Oliveira, José Soares, Francisco António Fernandes e Manuel José Lopes. Conselho fiscal: presidente, Francisco da Silva; secretário, Armando Silvério Mendes; relator José António da Fonseca.

A comissão Administrativa desta Comuna acha-se habilitada a fornecer para tôdas as reguezias do país que desejem organizar comunas, um exemplar dos seus estatutos.

Queixas e reclamações

Acção da «briosa»

No sábado, na estação do Rossio, junto da estação telegráfo-postal, o soldado da guarda republicana n.º 12 da 1.ª companhia do quartel do Carmo, agrediu com uma coronhada nas costas o moço de fretes Aires Mateus, sem que êste para tal desse motivo caindo o agredido e sendo levado ao posto da Misericórdia.

Dizem-nos não ser a primeira vez que aquele guarda assim procede.

E' que ... herói...

NO PORTO

Um bairro inteiro cercado—Buscas e rebuscas—Farejando bombas—¿Greve com protesto contra a couceirada da P. S. E.?

PORTO, 28.—C.—A P. S. E. prossegue na sua representação favorita: perseguição dada. A peça desempenhada, que a princípio se supoz duma simplicidade tocante, não nos sai tam banal como à primeira vista nos pareceu. E' de grande enscenação e de grande movimento, de uma comparsaria deslumbrante. No palco do escândalo público, a ferir a curiosidade indígena, exibem-se, à luz esbatida do luar em quarto minguante, ou nas dobras das sombras das altas horas da madrugada, uma infinid de de silhuetas de cavalos e cavaleiros, de peões, de esbirros, de espionentos vultos, de reflexos instantâneos de baionetas e de canudos «espingardientos», prontos a esparzirem as negras flôres da morte... Já não é só comédia, é tambem tragédia... ridícula. Os actores da P. S. E., sob a habil direcção do ensaiador Vieira, sonharam com um bairro em pé de guerra, pejado de armamento pesado, vastíssimo arsenal de granadas de mão, artilharia, metralhadoras, espingardas, chanfalhos e... *folhetas* velhas... E, com o auxílio da polícia de investigação e da cavalaria e infantaria da guarda republicana, e demais tropa fandanga, cercaram Montebelo, Bonfim Antas, etc., muito antes do Sol, montado no seu carro aurifulgido, iluminar esta terra, esta aldeia onde os parvos pululam ainda livremente, por mal dos nossos pecados... Semelhava se a tomada de Santarém, pela calada da noite, ènquanto os *mouros* dormiam a sono sólto, descansando das fadigas duma ardua peleja...

Depois, rebuscaram tudo, os armários, as gavetas, os buracos, as retretes e os potes. E ao cabo, e ao fim de tanto trabalho, de tanto incómodo, de tanta violência, de tanto vexame, de tanta vileza, foram encontrados 4 canivetes cheios de bocas, 2 navalhas ferrugentas, 2 revólveres velhos para as crianças brincarem e um chanfalho medieval, recordação de tempos idos... A fôrça pública retirou-se a quarteis, os actores da P. S. E., que nem cínicos sabem ser, ficaram satisfeita pelo papelão desempenhado, e o pano caiu... esperando-se pelo acto seguinte...

E as bombas? Essas não apareceram; está a dinamite muito cara e êste povo não tem dinheiro para pão...

Mas estes casos, estas violências que se estão dando neste Marrocos chefiado e conquistado pela P. S. E. está enervando tôda a gente. O operariado, que é para quem vão, de preferência, tôdas as perseguições, agita-se. Tem havido reünião em vários sindicatos e em todos eles se tem protestado contra as insolências desbóticas da P. S. E., que tomou, tudo isto à sua conta, pois estamos precisamente numa época idêntica à que precedeu a proclamação da monarquia do Monte Pedral: as mesmas intolerâncias, os mesmos caprichos, as mesmas perseguições, as mesmas ameaças. Só há uma única diferença: então, eram os sidonistas e monárquicos contra republicanos democráticos e avançados; hoje, são os democráticos contra o operariado, ao passo que protegem aqu les, seus inimigos de ontem. Todos estes factos teem sido apreciados nas reüniões dos sindicatos, como o foram na U. S. O., e tudo leva a prever que um movimento de protesto contra as sidónicas arbitrariedades se vai iniciar em breve. O Sindicato Unico da Construção Civil irá talvez para a greve geral da industria por 24 horas se os presos não forem postos em liberdade rápidamente, embora o Marques e acólitos afirmassem que, custe o que custar, hão de conseguir, pelo menos, um culpado dos últimos atentados, como justificação *plausível* dos seus riscos.

—Correu o boato de que o general de divisão, incompativel com as autoridades civis, vai pedir a sua exoneração. Prender-se há o caso com as *invasões* da P. S. E tornando o Pôrto cidade conquistada?

Pelas fábricas de pregaria

Como ficou resolvido na reünião de sexta-feira, o pessoal das fábricas de pregaria *Previdente, Santos* e *Vitória*, começou ontem a trabalhar as 8 horas, segundo o que lhe é conferido por lei, recusando-se a trabalhar as duas horas suplementares que há já bastante tempo lhe vinham impondo. Apenas o pessoal da fábrica Schalck ainda ontem não conseguiu pôr-se ao abrigo do que a lei lhe confere, esperando-se que hoje o faça.

O pessoal das três fábricas, reünido no Sindicato Unico Metalúrgico, logo após a largada do trabalho, às 17 horas, verberou àsperamente a doutrina de uns pasquins afixados nas secções das fábricas, nos quais se diz que elementos estranhos e *meneurs* agitadores, andam a desviar o respectivo pessoal da disciplina patronal.

O delegado do Sindicato, como o aplauso da assemblea, protestou também contra a insídia que conteem os tais pasquins, pois demais sabe um dos dirigentes da Companhia, a autoridade moral que assiste ao Sindicato para tratar dos interêsses dos seus sindicados, quando êles peçam a sua intervenção, como no presente caso, estranhando que a seriedade e honestidade dêsse sr. consentisse na afixação dêsses papelinchos, que, não conseguindo desnortear os operários no cumprimento do seu dever, ainda mais contribuiram para a coesão entre êles.

Hoje deve a comissão avistar-se com a direcção das fábricas, afim de lhe comunicar as resoluções do respectivo pessoal, que aguarda as deliberações dos industriais no que diz respeito ao aumento de salário continuando, ao abrigo da lei, a trabalhar as 8 horas.

UNIVERSIDADES, ACADEMIAS E ESCOLAS

Caixeiros de Lisboa.—Aula de Música.—A comissão de instrução e educação comunica a todos os associados que a matrícula na aula de música é permanente, sendo o seu custo de 1$50. Tôdas as noites, das 21 às 23 horas, se encontram na sede da associação delegados da comissão para prestar os esclarecimentos necessários.

Caixa de auxílio a estudantes pobres do sexo feminino.—Previnem-se as alunas subsidiadas que hoje, às 15 horas, se efectuará o pagamento do segundo trimestre, na sede da associação.

União dos Sindicatos Operários de Almada

Reüniu recentemente, com a representação dos delegados dos Corticeiros, Construção Civil, Descarregadores de Mar e Terra e Metalúrgicos, deliberando sôbre as manifestações do 1.º de Maio. Procedeu-se à nomeação de delegados à C. G. T., recaindo a escolha nos camaradas Tomás Negócio e Carlos Marques.

Constatando-se a ausência de delegados do Sindicato dos Tanoeiros, resolveu-se oficiar-lhe para regularizar a sua situação perante a União dos Sindicatos.

Carpinteiros

Precisam-se. Rua dos Correeiros, 119, *121*.

Eden-Teatro S. T. Lt.

Emp. Henr. Barreiros, Lt.

Tem graça
Tem espírito
Tem qualidade

A revista fantastica

Cêrco ao Rei

O público assim o reconheceu, porque tôdas as noites acorre pressuroso ao

Eden-Teatro

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Industria Mobiliária.—Reüniu o conselho federal, com a presença dos delegados de todos os organismos aderentes, excepto os delegados da Associação dos Cesteiros de Gonçalo. Tomou conhecimento das *démarches* feitas pelo delegado directo junto dos operários de Valbom pró-constituição do Sindicato Unico e, continuando na discussão do relatório da comissão administrativa, aprovou os capítulos que se referem «às condições tóxicas dos operários da indústria» e forma de debelar o mal «Uniformidade de salários», os quais foram largamente debatidos.

S. U. da Construção Civil.—*Secção de Palma e arredores.*—Reüniu a comissão administrativa no dia 29, que tomou na devida consideração as queixas de diversos camaradas sôbre alguns operários que estão atraiçoando o horário das 8 horas, sendo nomeada uma comissão para tratar do assunto.

Deliberou também sôbre o 10.º aniversário desta secção, que passa no dia 15 do corrente, realizando-se uma sessão solene, concêrto musical e saráu dramático. Vão ser convidadas a C. G. T., Federações, Sindicatos de indústria e secções sindicais a fazerem-se representar.

A's 15 horas serão inaugurados os retratos dos camaradas José Lopes, canteiro, e António Camarate, pedreiro.

Esta secção pede a todos os sindicatos para lhe emprestarem as bandeiras, devendo levá-las para a sede da Federação.

CONVOCAÇÕES

Operários alfaiates.—Afim de apreciarem um ofício da firma J. Nunes Correia reúne hoje o Conselho Técnico e de Melhoramentos, pedindo-se a comparência de todos os seus componentes e muito em especial da comissão encarregada de entrevistar os industriais.

Pessoal da Exploração do Pôrto de Lisboa.—Reúne hoje, pelas 15 horas, em sessão magna.

Operários do Município.—Para tratar de assuntos de interêsse colectivo e para as classes, reúnem hoje, pelas 21 horas, em assemblea geral. Pede-se a comparência de todos os camaradas.

Refinadores de açúcar.—Para tratar de vários assuntos de interêsse, reúne hoje, pelas 20 horas, a assemblea geral desta classe.

S. U. da Construção Civil.—*Secção profissional dos pedreiros.*—Para tratar um caso de importância, como seja o das 8 horas, e outros assuntos que dizem respeito a interêsses da classe, reúne hoje a assemblea geral, pedindo-se a comparência de todos os componentes.

Conselho administrativo.—Convidam-se todos os camaradas nomeados pelas várias secções profissionais para fazerem parte da 1.ª Secção da Bolsa de Trabalho, a reünirem amanhã, sem falta, pelas 21 horas, no gabinete da Bolsa Central, afim de tomarem posse e receberem as necessárias instruções.

Secção profissional de mecânicos em madeira.—Reúne hoje, em assemblea geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciação dos estatutos do Sindicato Unico, distribuição de cartões para a fiscalização de horário de trabalho e outros assuntos de grande interêsse para a classe, assuntos êstes que para se resolverem dependem da comparência de todos os camaradas.

"O Século,, da noite

foi ontem impedido de circular

O *Século*, anda há muito tempo à espera duma ocasião para formar um salto de tigre.

Como ontem a circulação de jornais fôsse diminuta, queria aproveitar-se desta circunstância para lançar a sua edição da noite ao preço de $10. Orar tudo isto muito bem se aquela empresa, sempre gananciosa, não provocasse um conflito com os vendedores.

A percentagem que êstes recebem pela venda de cada exemplar a $05 é de 15 o|o, isto é, compram por $03,5 os jornais que vendem por meio-tostão. Seria lógico que continuassem a receber essa percentagem conforme o preço dos jornais fôsse aumentado. Assim, os jornais cujo preço avulso é de $10, deviam ser cedidos aos revendedores por $07, ficando, portanto salvaguardada a percentagem de 30 o|o.

A empresa do *Século* entendeu, porém, que devia reduzir essa percentagem, e ontem, em vez de vender os jornais a $07, aos revendedores, quiz vendê-los a $08, prejudicando-os assim, em $01.

Contra isto se insurgiram os revendedores, recusando-se ontem a pegar na edição da noite do *Século*.

Os chefes da venda do mesmo jornal, Joaquim Parolho e Salvador, não estiveram com meias medidas; puxaram de pistolas, querendo, pela violência, obrigar os vendedores a aceitar aquelas condições.

Interveio a polícia e a guarda-republicana, tendo esta última cumprido o seu dever—dar para baixo.

Foram por ela agredidos os vendedores Domingos Gonçalves, Manuel José, João Fernandes da Silva e José de Oliveira Manarte.

Os vendedores rasgaram ontem grande número de exemplares do *Século* (da noite) não conseguindo êste, apesar de tôdas as violências, circular pelas ruas.

Os vendedores estão dispostos a não vender o *Século* enquanto êste não mudar de atitude.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa—*Secção da Construção Civil*—Reúne hoje a comissão executiva com a presença do camarada 1.º secretário nomeado pela assemblea geral.

Presos por questões sociais

Comissão central

Reúne hoje, pelas 21 horas, pedindo-se a comparência de todos os delegados.

Sociedades de Recreio

Grupo Dramático Musical Solidariedade da Construção Civil.—Realiza-se amanhã a assemblea geral, pelas 21 horas, em 2.ª convocação, para apresentação do relatório e contas da gerencia do ano de 1920 e 1.º trimestre de 1921, eleição da direcção, mesa da assembleia geral, conselho fiscal, conselho de melhoramentos, ensaiador, director de scena, ponto, cobradores e outros assuntos.

Últimas notícias

EM MADRID

Os operários lutam

MADRID, 2.—A União Geral dos Trabalhadores publicou um manifesto convidando os operários para uma manifestação em Madrid.—*(Rádio)*

Os potentados comem

MADRID, 2.—Houve um grande banquete em Madrid em honra do antigo núncio Mgr. Ragonesi que vai para Roma.—*(Rádio)*

O govêrno ameaça

MADRID, 2.—Parece certo que se chegará a uma fórmula de acôrdo para fazer aprovar o projecto de lei contra o terrorismo, tendo declarado o ministro da justiça que aceitaria as emendas das minorias para conseguir publicá-lo.—*(Rádio)*

E a vida encarece

MADRID, 2.—Duvida-se que Lacierva persistindo na política proteccionista, possa conter a alta iniciada sobre os principais artigos de consumo. Elementos representativos dos consumidores e do comércio, fazem uma campanha para pedir o restabelecimento da política anterior à dêste ministro.—*(Rádio)*

Um banquete monstruoso

SETE MIL MASTIGADORES

e a telegrafia sem fios

LONDRES, 2.—Para celebrar o vigesimo quinto aniversário do *Daily Mail*, lord Northcliffe deu um *lunch* a sete mil convidados no Olimpia. As saúdações e os *toasts* eram anunciados simultaneamente em todo o edifício por uma combinação da telegrafia sem fios Marconi com amplificadores e Stentorfones de ar comprimido.—*Rádio.*

Os Estados Unidos abarrotados de ouro

LONDRES, 2.—Informam de New-York que a quantidade de ouro importado tem assumido tal proporção que os bancos de New-York teem de enviar remessas para Filadelfia. Além disso pedem aos agentes estranjeiros que enviem as remessas com um certo intervalo para não se produzir esta congestão em New-York. Este ouro provém nominalmente de 26 paises, mas julga-se que o maior contingente provém da Alemanha.—*Rádio.*

O comunismo na Norte-América

NEW-YORK, 2.—A policia invadiu o edifício onde se estava realizando uma conferência de partidários de adesão à terceira internacional, e prendeu duas personalidades importantes. Tendo-se procedido a buscas, reconheceu-se que havia um plano para proclamar hoje um movimento revolucionário.—*Rádio.*

COLUNA ESPERANTISTA

Portugala Laborista Esperanto Federacio.—Reüniu há dias o comité federal resolvendo fazer-se representar no comício. Foi apreciado o andamento dos trabalhos em elaboração, que serão proximamente apresentados ao conselho.

Pede-se às sociedades aderentes que ainda não responderam à circular A, a fineza de o fazerem com brevidade, afim de se poder dar andamento aos trabalhos do Comité.

As aulas do curso complementar continuam funcionando regularmente tôdas as quintas-feiras.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

Movem-se altos empenhos para obter lugares no teatro da Trindade, para o início da nova temporada, da sensacional peça *O Pescador de Pérolas.*

Reclames

Hoje, em récita de gala, volta a representar-se, no Nacional, a famosa peça histórica *Leonor Teles*, que a administração do teatro faz exibir com o maior deslumbramento e aparato.

—A' volta da peça *Cêrco ao Rei*, enquanto o público a aplaudia no Eden-Teatro todas as noites, criou-se uma atmosfera de más vontades, que as qualidades da peça e o seu agrado teem destruido.

—E' curiosíssimo o entrecho da opereta *Paris-Monte-Carlo*, que se está representando actualmente no Politeama, peça que serve para trazer ao público um desejo forte de rir, que a música, comentário delicioso, auxilia, principalmente nos números de Satanela e Amarante.

—Não há memória de se ver em Lisboa uma companhia como a que actualmente se está exibindo no Coliseu dos Recreios, a qual é composta de 30 pessoas, entre as quais figuram formosas dançarinas, lindas *girls*, saltadores arabes, músicos e varios irracionais como elefantes, leões, panteras, leopardos, macacos, tigres, cavalos, 200 aves e animais domésticos. Os trabalhos apresentados por Great Carmo, a sua *mise-en-scene*, o seu scenário e o seu guarda-roupa são extraordinários e maravilhosos como nunca foi dado admirar-se em Portugal. Great Carmo, cuja fama é mundial, acaba de obter em Lisboa o mais extraordinário e colossal sucesso sendo tôdas as noites aplaudidissimo pela assistência que enche completamente o popular circo.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21.—«Leonor Teles».
SÃO LUIS—A's 21—«J. P. C.», opereta.
POLITEAMA—A's 21,15—«Paris-Monte Carlo».
GIMNASIO—A's 21,30—«Negócios são negócios».
EDEN—A's 21—«Cêrco ao rei», revista.
APOLO—A's 21—«Burro em pé», revista.
AVENIDA—A's 21—«Chuva de filhos».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trolaró», revista.
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—Companhia de Great Carmo.
Variedades e Animatografos.—Salões Olimpia, Central, Condes, Chiado Terrasse, Anjos, Promotora, Portugal, Cine-Paris, Ideal e Chantecler.

CAMBIOS

Londres, cheque 5 518 5 1/2; Paris, cheque 835, 855; Madrid, 16400, 16634; Berlim, 159, 164, New-York 108733, 116000; Suiça, 18892, 18950; Italia, 8216, 8500; Belgica, 8335, 8355. Libras, 49$000, 51$000; ágio do ouro, 988 1000.

Museu Rafael Bordalo Pinheiro

De Janeiro a Abril (16 domingos) o interessante Museu Rafael Bordalo Pinheiro, Campo Grande, 382 (lado oriental), teve 1.610 visitantes, cujo produto de entradas foi de 32$015, importância que integralmente reverteu em favor do Asilo de S. João.

Associação de Socorros Mutuos IGUALDADE

SEDE—Rua da Madalena, 201, 2.º

Telefone, 3.428 Central, Lisboa

1.ª CONVOCAÇÃO

Para cumprimento da lei estatutária convoco a Assemblea Geral a reünir em sessão ordinária no dia 9 do corrente, pelas 21 horas e meia: Ordem da noite.

Apresentação, discussão do Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal, relativos à gerência do ano anterior.

Previnem-se os dignos associados que durante 15 dias se encontram patentes os documentos e livros respectivos, todos os dias úteis das 14 às 16 horas.

Lisboa, 1 de Maio de 1921.

O Presidente da Mesa da Assemblea Geral,—*José Bastos.*

Costureiras

De casacos e saias, preferem-se que tenham trabalhado com alfaiate paga-se bem. Precisam-se na Rua Augusta, 158 3.º

JOSÉ FRIAS

Joana Jesus Frias, esposa do ex-condutor da C. P. José Frias, sepultado no dia 29 do p. p. no cemitério do Lumiar, vem por êste meio agradecer a tôdas as pessoas amigas e conhecidas que se encorporaram no funeral de seu marido.

Associação de Socorros Mutuos O DESTINO

SEDE—Rua da Madalena, 201, 2.º

Telefone, 3.428 Central, Lisboa

1.ª CONVOCAÇÃO

Para cumprimento da lei estatutária convoco a Assemblea Geral a reünir em sessão ordinária no dia 9 do corrente, pelas 21 horas e meia: Ordem da noite.

Apresentação, discussão do Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal, relativos à gerência do ano anterior.

Previnem-se os dignos associados que durante 15 dias se encontram patentes os documentos e livros respectivos, todos os dias úteis das 14 às 16 horas.

Lisboa, 1 de Maio de 1921.

O Presidente da Mesa da Assemblea Geral,—*Virgilio de Mesquita Lopes.*

A' Rapaziada!!!

As valentes e pêras!

Botas de vitela branca para homens, de 1.ª a 20$750.
Botas de vitela branca de 2.ª a 18$750.
Botas de atanado branco a 16$750.
Botas pretas, 2 sola a 19$750.
Botas pretas, 2 solas a 22$750.
Botas de calf preto, forma americana, 1 sola, preço réclame a 25$750.
Sapatos para senhora a 11$500, 15$000, 16$500.
Sapatos em pelica verniz para senhora, salto à Luis XV, a 15$000.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa dos empregados do «Diário de Noticias».

SAPATARIA S. ROQUE

6 Largo Trindade Coelho 17 (Antigo Largo S. Roque)

Convite a ponderar

Quereis auxiliar *A Batalha* sem custo? Quem é que hoje, dizendo-se liberal, e sendo-o de verdade, não simpatiza com ela pelo menos e não se esforçará por auxiliá-la pela forma que abaixo se indica?

1 1/2 por cento da receita bruta dão à *Batalha* as minhas tabacarias, sitas na Rua do Sacramento (a Alcântara) 19 e 21—**Havaneza do Sacramento**—e Avenida da Liberdade, 6—**Tabacaria Condes**. Comprai portanto, nas referidas tabacarias o vosso tabaco, livros, folhetos, ilustrações e romances de carácter social e livros escolares para vossos filhos, tabacarias que vendem também artigos de papelaria, perfumaria, águas, cervejas, etc., etc.

PREÇOS MAIS BARATOS

Aylon (maço com 20 cigarros)... $35
S. João » » 20 » ... $40
Jerónimos » » 25 » ... $50

Aos amadores e admiradores do Cinema: Há grande variedade de fotografias

A. S. Júnior

TINTURARIA

Preto fixo e tôdas as côres, só na tinturaria Alcantarense, onde se finge tôda a qualidade de vestuário. **Rua de Alcântara, 16.**

SAPATARIA

Marques Ferreira & C.ta

Calçado de luxo em todos os géneros pelos mais elegantes modêlos, executa-se com tôda a perfeição e solidês na Rua da Procissão, 141, tomando também conta de todos os consêrtos.

ESTORIL

TERMAS

E' no próximo dia 15 de Maio que se abre ao público o magnífico estabelecimento-termal que a Sociedade Estoril possue no Parque do Estoril.

São bem conhecidos os óptimos resultados obtidos naquele estabelecimento termal no tratamento das doenças do aparelho gastro-intestinal; das fossas nasais, faringe e laringe; de artritismo nas suas diversas formas e muito particularmente no reumatismo, gota e sciatica; dermatoses secas e algumas húmidas; doenças de útero e anexos; manifestações ganglionares e cutaneas do linfatismo, doenças do aparelho respiratório, etc., etc.

O estabelecimento tem magnificas salas para banhos de água mineral, de água do mar, de água potavel e de bolhas de ar e instalações com todos os aperfeiçoamentos modernos para todas as aplicações hidroterápicas, massoterápicas, mecanoterápicas e electroterápicas.

No mesmo edificio há manucure, pedicure e cabeleireiro.

QUEREIS MEIAS E PEUGAS

e outros artigos de malha

20 a 50 o|o mais barato?

Fazei as vossas compras na importante secção de malhas dos

GRANDES ARMAZES DO OHIADO

AVISO IMPORTANTE—A venda directa que estamos fazendo ao público do todo o país por intermédio dos Grandes Armazens do Chiado e suas 20 filiais, de tôda a sua colossal produção da nossa Fábrica de Malhas, anexa às nossas Fábricas de Sedas e Lanifícios, está fazendo com que tôdas as nossas

Meias e peugas

e outros artigos de malha deapareçam como por encanto à medida que são postos à venda, apesar da colossal produção de

Mais de 2 milhões de pares de

MEIAS E PEUGAS

que anualmente está produzindo!

—**Meias e peugas** para creanças para tôdas as idades e preços!

—**Meias e peugas** de algodão fino, sedalina e seda!

—**Meias e peugas** para as classes pobres em tôdas as côres e tamanhos!

—**Cache-corsets, camisolas, fatinhos, casacos** e muitos outros artigos de malha que todos podem obter **20 a 50 °|o mais barato**, desde que

SÓ COMPREM NOS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Peugas com canhão para creanças. Preço sensacional de **180**

Peugas com canhão, em côres lisas, para homem ao preço de **450**

Meias finas, em côres lisas, para senhora, a **800**

Meias em malha fina, em preto e magníficas côres, para senhora a **1400**

Meias finas em sedalina, em preto e côres, para senhora a **3300**

Meias de seda em magníficas côres, para senhora, a **9500** e **7500**

Tôdas as grandes novidades da est